

A RELEVÂNCIA DAS EMOÇÕES PARA A MORALIDADE

THE RELEVANCY OF EMOTIONS TO THE MORALITY

Cristina de Moraes Nunes¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo mostrar que as emoções desempenham um papel fundamental para a moralidade, principalmente no que se refere à atribuição de responsabilidade moral aos agentes. Para isso, utilizar-se-á da teoria reativa de Peter Strawson, apresentada no seu famoso ensaio *Freedom and Resentment* (1974), no qual ele afirma que o modo como tradicionalmente os autores têm tratado do problema da responsabilidade moral têm deixado de lado o amplo sistema de atitudes reativas ou sentimentos morais que dirigem todo o nosso relacionamento com as outras pessoas. Desse modo, a fundamentação para a avaliação moral está nas relações interpessoais, na maneira como nos relacionamos com as demais pessoas numa determinada comunidade moral. Em outras palavras, a concepção que temos de certo e errado moralmente, deve-se as reações que temos frente às situações, que fazem com que reprovamos ou aprovamos uma ação como sendo boa ou má. Assim, pretende-se assumir que não é possível ignorar o papel que as emoções desempenham na compreensão que temos da moralidade.

Palavras-chave: Emoções. Responsabilidade moral. Atitudes reativas. Senso moral. Strawson.

Abstract

This paper aims to show that emotions play a key role for morality, especially as regards the attribution of moral responsibility to agents. For this, it will be used Peter Strawson reactive theory, presented in his famous essay *Freedom and Resentment* (1974) in which he argues that the way the authors have traditionally dealt with the problem of moral responsibility have left aside the extensive system of reactive attitudes or moral feelings that drive our entire relationship with others. Thus, the grounding for moral evaluation is in interpersonal relationships, the way we interact with others in a particular moral community. In other words, the conception we have of right or wrong morally, comes from reactions we have forward to situations that cause disapprove or approve an action as being good or bad. Therefore, it intendsto assume that we cannot ignore the role that emotions play in the understanding we have of morality.

Keywords: Emotions. Moral responsibility. Reactive attitudes. Moral sense. Strawson.

Introdução

Parece difícil, nos dias de hoje, alguém negar que as emoções têm uma grande relevância para a moralidade. Entretanto, muitas são as divergências com relação a essa questão. Muitos filósofos, os quais podem

¹ Professora e coordenadora do curso de Filosofia da Faculdade Palotina; Coordenadora do curso de Especialização em Educação e Direitos Humanos da Faculdade Palotina. Doutoranda em Filosofia-UFSM; Email: crisfilosofia@gmail.com

ser chamados de objetivistas ou universalistas, que seguem uma linha kantiana, defendem que as emoções *não devem* desempenhar um papel relevante para a moralidade. No entanto, há filósofos que defendem o naturalismo moral, o sentimentalismo ou o emotivismo na ética, os quais seguem uma linha humeana, eles acreditam que a moralidade é melhor compreendida a partir da análise das emoções e de sua importância para os julgamentos morais. Assim, o objetivo deste trabalho será apresentar uma defesa das emoções no campo da moralidade de acordo com a teoria das atitudes reativas de Peter F. Strawson. Desse modo, as emoções têm um papel central na moralidade, de modo que através delas é que se pode avaliar as ações dos agentes como sendo boas ou más do ponto de vista moral.

Em outras palavras, a concepção que temos de certo e errado moralmente, deve-se as reações que temos frente às situações, que fazem com que reprovamos ou aprovamos uma ação como sendo boa ou má. Pretendo centrar esse trabalho na defesa dessa posição, para isso, é preciso mostrar a importância das emoções para a ética, assumindo que não é possível ignorar o papel que as emoções desempenham na compreensão que temos da moralidade.

1. Emoções e Moralidade

O fato de vivermos em uma determinada comunidade moral faz com que tenhamos certos costumes e aceitamos algumas normas morais que regulamentam as nossas relações interpessoais, de modo que reagimos às ações das pessoas de acordo com a concepção de moralidade que temos endossado. Desse modo, esperamos que as pessoas ajam com boa vontade e consideração para com as demais, caso isso não ocorra, é natural reagirmos com uma atitude reativa. Segundo Strawson (1974), os sentimentos morais ou atitudes reativas são tais como a gratidão, o ressentimento, a indignação, a culpa, o perdão, o amor e os sentimentos feridos. Essas atitudes reativas têm raízes comuns em nossa natureza humana, de modo que é natural e inevitável adotarmos tais atitudes frente as nossas ações e das demais pessoas.

As atitudes reativas expressam a nossa natureza essencialmente social, de modo que elas regulam respostas de primeira, segunda e terceira pessoa. Em outras palavras, posso sentir-me culpada por algo que eu fiz, posso sentir ressentimento por algo que fizeram a mim e posso sentir-me indignada pelo que fizeram a outra pessoa. É com base nessas atitudes reativas de culpa, ressentimento e indignação, que avaliamos as nossas ações e também a das demais pessoas. Desse modo, ser uma pessoa é justamente conviver com as demais e ser capaz de ter essas atitudes reativas assim como de ser alvo delas.

As atitudes reativas estão baseadas no quadro de nossa vida social e não requerem justificção externa a ele. Também seria improvável nos livrarmos delas, já que isso não seria desejável, pois acarretaria em perdas muito grandes para a nossa vida. Até mesmo a nossa vida social seria ininteligível sem essas atitudes. Assim, a fundamentação para a avaliação moral está nas relações interpessoais, na maneira como nos relacionamos com as demais pessoas numa determinada comunidade moral.

Em *Freedom and Resentment*, Strawson (1974) resgatou a importância que as emoções desempenham para a questão da moralidade, antes dele autores como Adam Smith e David Hume já tinham defendido a

capacidade de ter *senso moral*, como indispensável para a moralidade. Essa capacidade de ter senso moral está intimamente ligada às emoções que sentimos e que nos fazem considerar uma ação como sendo louvável ou condenável moralmente. De acordo com a sua teoria reativa, Strawson afirma que estamos comprometidos com uma rede de atitudes e sentimentos, que se opõem a uma atitude objetiva, os quais formam uma parte essencial da nossa vida moral e da maneira como a entendemos.

A moralidade começa a fazer parte de nossa vida primariamente pelas emoções, como de indignação e de ressentimento. Os conceitos morais são aprendidos através de atitudes reativas, ou seja, somente após reconhecer os conceitos como certo ou errado é que posso aplicá-los logicamente. Desse modo, podemos afirmar que a fonte dos juízos morais não é a razão, mas os sentimentos repulsivos tais como o de ressentimento. As atitudes reativas ocorrem quando algum comprometimento foi rompido ou ignorado, neste caso é natural sentir ressentimento ou indignação. Portanto, as atitudes reativas são essenciais para a avaliação das ações, uma vez que desempenham um papel fundamental para definirmos se uma ação é correta ou não.

2. Naturalismo Moral

Com relação à moral Strawson defende um naturalismo, que tem características em comum com a sua metafísica descritiva. A principal delas é o método elucidativo, a outra característica refere-se ao fato de que o sistema de atitudes reativas ou sentimentos morais é único, de modo que a justificação ou avaliação das nossas crenças sempre ocorre internamente a tal sistema, não permitindo avaliações externas a ele. Essa última característica parece ter ligação com o esquema conceitual que também é uma ‘rede’ de conceitos de modo que a nossa compreensão do mundo está atrelada a ele. O esquema conceitual é único e indispensável para o nosso conhecimento, do mesmo modo o sistema de atitudes reativas é único e sem ele não seria possível compreender conceitos como ‘certo’ ou ‘errado’ quando se refere ao campo da moral.

O naturalismo strawsoniano está ligado ao fato de que as nossas ações são sempre realizadas num contexto social, podemos até mesmo afirmar que a nossa natureza humana é essencialmente social². A moralidade faz parte de nossa natureza humana, o comprometimento que temos com a moralidade não é uma escolha, pois se quisermos continuar fazendo parte de uma comunidade, precisamos cumprir com as normas presentes nela. No que se refere à moral estamos comprometidos com um sistema de atitudes reativas pessoais, ou seja, é inevitável ter reações diante das ações das demais pessoas, e, em

² Nesse aspecto, Wittgenstein influenciou de maneira significativa a filosofia de Strawson (2008, p. 21-30).

particular, de algumas pessoas que fazem com que tenhamos atitudes de boa vontade, afeto ou estima, por um lado, e de desprezo e indiferença, por outro.

Assim, ter atitudes reativas já é parte da própria definição do que é um ser humano, ou seja, faz parte de nossa humanidade conviver com outras pessoas e ter exigências recíprocas de comportamento, de modo que se essas exigências deixam de ser cumpridas é natural adotarmos certas atitudes reativas para com os demais. As atitudes reativas são frutos da nossa interação com as demais pessoas, pelo fato de fazermos parte de uma comunidade moral que tem costumes e hábitos estabelecidos e que influenciam nossa maneira de avaliar as nossas ações e as ações dos demais. De modo que, as ações das outras pessoas interferem em nossas atitudes, tanto nas boas quanto nas más. Essas atitudes permitem que se avalie do ponto de vista moral as ações dos agentes, sendo que tal avaliação se dá através da intenção do agente em praticar tal ação. Com relação a esse aspecto, Strawson sustenta que:

O lugar-comum central sobre o qual desejo insistir é a grande importância que atribuímos às atitudes e intenções que outros seres humanos adotam em relação a nós, e sobre o quanto nossos sentimentos e reações pessoais dependem de, ou envolvem, nossas crenças acerca dessas atitudes e intenções (1974, p. 5).

Dessa forma, Strawson insiste que as intenções e as atitudes são muito importantes nas relações interpessoais, de modo que saber se uma pessoa agiu de boa vontade torna-se fundamental para avaliar as suas ações. Desse modo, há dois grupos especiais em que as atitudes reativas podem ser modificadas ou suspensas: o das desculpas específicas e o das exceções. No grupo das ‘desculpas específicas’, tais como ignorância e acidentes, os agentes não têm a intenção de praticar determinada ação, por exemplo, alguém que se desequilibra e cai, derrubando consigo outra pessoa. Neste caso, o agente não é considerado um objeto inapropriado de sentimento moral, porque não demonstrou falta de cuidado ou falta de respeito para com a outra pessoa, de modo que ele não será considerado ‘plenamente’ responsável pela sua ação. No grupo das ‘exceções’, o agente é considerado moralmente ‘incapacitado’, como no caso de crianças e de pessoas com algum distúrbio psicológico. Com relação a este grupo, somos convidados a suspender nossas atitudes reativas ordinárias com relação ao agente, uma vez que ele possui alguma anormalidade ou é imaturo. Essas isenções

são importantes porque propiciam distinguir um agente responsável de um agente não responsável.

Isso ocorre porque a atitude objetiva é recomendada nos casos em que o agente não teve a intenção de agir daquele modo ou então nos casos especiais, em que são indivíduos sem a capacidade de senso moral, por isso são consideradas isentas de responsabilidade moral. A atitude objetiva se contrapõe as atitudes reativas, que são adotadas, quando as demandas ou exigências mútuas não são cumpridas. Através do sistema de atitudes reativas podemos avaliar as ações das demais pessoas e também as nossas. Essas atitudes reativas expressam um respeito interpessoal, de modo que a ofensa acontece quando essa consideração foi descumprida ou deixada de lado (STRAWSON, 1974, p. 16). Em outras palavras, as atitudes reativas expressam o compromisso que temos com as exigências recíprocas e ocorrem nas situações em que essas exigências não são cumpridas ou simplesmente ignoradas.

As ações são avaliadas a partir da análise que fazemos da intenção do agente, mas para isso, é preciso compreender a natureza da ação. Strawson defende que as ações são o resultado das crenças e dos desejos do agente. Ele assevera que:

As nossas crenças têm importância para nós, assim como nos importa que devam ser verdadeiras, em larga medida por causa dessas atitudes, por causa daquilo que denominamos nossos desejos e aversões. As ações baseiam-se ou têm origem na combinação de crença e atitudes relevantes; e ao originar-se numa tal combinação de crença e atitude que uma ação intencional é a ação que é. As ações estão voltadas para o cessar ou evitar estados de coisas desfavoráveis, presentes ou futuros, e para perpetuar ou criar estados de coisas favoráveis, presentes ou futuros; é dessa maneira que elas se direcionam à luz de nossas crenças (STRAWSON, 2002, p. 105).

Para Strawson há alguns aspectos do conceito de ação que devem ser esclarecidos como a relação entre as possibilidades da ação e a natureza das coisas. Ele analisa que uma depende da outra, sendo que a ação também é essencialmente derivada da combinação entre desejo e crença. Em outras palavras, são as nossas crenças consideradas verdadeiras que nos fazem agir da maneira que agimos, também são elas que nos permitem fazer julgamentos e ser favoráveis ou não a algum juízo emitido por outro falante. Desse modo, Strawson afirma que:

Nos homens, ou de fato em qualquer ser racional, os três elementos de crença, apreciação (ou desejo) e ação intencional podem ser distinguidos um do outro; contudo, nenhum desses três elementos pode ser devidamente compreendido, ou mesmo identificado, senão em relação aos outros (STRAWSON, 2002, p. 108).

Portanto, a ação é o resultado das crenças morais dos agentes e também dos seus desejos, das suas emoções e dos seus ideais individuais. De acordo com Strawson, há diversos ideais de vida humana, os quais não precisam ser conciliáveis entre si, pois as pessoas possuem objetivos de vida muito diferentes e que podem continuar existindo mesmo divergindo entre si. No entanto, para a realização da maioria desses ideais exige-se alguma forma de organização social e uma concepção mínima de moralidade.

3. Concepção mínima de moralidade e Ideal Individual

Em seu ensaio *Social Morality and Individual Ideal* (1974) Strawson analisa o que ele chama de uma concepção mínima de moralidade e os ideais individuais. Ele considera que as pessoas têm formas ideais de vida que podem ser opostas com relação às das outras pessoas, sendo que até mesmo o próprio indivíduo pode ter ideais de vida que conflitam entre si, em diferentes tempos de sua vida. Assim, Strawson assevera que:

Desse modo, sua perspectiva (*outlook*) pode variar radicalmente, não apenas em diferentes períodos de sua vida, mas no dia a dia, mesmo de uma hora para outra. É uma função de muitas variáveis: idade, experiências, ambiente atual, leitura atual, o estado físico atual, são alguns deles. Quanto aos modos de vida, que podem se apresentar em diferentes momentos como sendo unicamente satisfatórios, não pode haver dúvidas sobre a sua variedade e oposição (1974, p. 26).

Podemos notar que Strawson parte de uma análise das pessoas na sua vida cotidiana, em que é normal mudar os interesses diante do fato de que estamos mais maduros, ou então participamos de outro grupo, até mesmo com relação à corrente de pensamento filosófico que estamos inseridos. É como se ele dissesse é ‘dessa maneira que vivemos’, tanto que ele afirma que “the sanity of life is to do thus” (1974, p. 26).

De acordo com Rodríguez “as preferências de Strawson convergem na imagem de uma *sociedade liberal*, tolerante da variedade de ideais éticos perseguidos pelos seus cidadãos, e *pluralista* na medida em que a constituição interna da sociedade se estrutura a partir dos diversos ‘contextos morais’” (2002, p. 133, grifos nosso). A pluralidade também se dá com relação aos ideais de vida dos cidadãos que são múltiplos, inclusive ele considera intolerável qualquer tentativa de unificação dos padrões de vida (STRAWSON, 1974, p. 28). Essa

pluralidade de ideais de vida é característica da ética, mas precisa estar em conformidade com a esfera da moralidade, na qual se tem as regras de comportamento que regulam a conduta das pessoas.

A relação entre o campo da moral e a esfera ética não deixa de ser algo complicado, no entanto parece haver uma dependência das imagens ideais individuais e um contexto social complexo. Desse modo, na esfera social a realização individual pressupõe o reconhecimento de algumas obrigações e, também a observação de algumas regras. Essa é, segundo Strawson, uma concepção mínima de moralidade (1974, p.30).

A principal objeção a essa posição é daqueles que defendem uma ideia de aplicação universal das regras morais. No entanto, como afirma Rodrguéz (2002, p. 137), as objeções não são fatais para os propósitos de Strawson, mais importante para os seus argumentos são os méritos da concepção mínima de moralidade, a saber:

Entre eles está a flexibilidade para reacomodar os indivíduos em distintos contextos sociais, e que com tal concepção se adquire um ‘sentido concreto e realista’, um sentido que facilita a compreensão de que ‘noções como as de dever e obrigação [são] inseparáveis de ofícios e relações com os demais’. (RODRGUÉZ, 2002, p. 137).

Assim, essa flexibilidade ligada aos diferentes contextos sociais, faz jus ao fato de que há diferentes organizações e relações sociais. No campo da moral a mera existência de regras acaba deixando de lado algo que é essencial para agir moralmente que é o ‘interesse’ dos agentes pelo seu sistema moral, o agente precisa querer fazer parte daquele contexto moral, ele precisa sentir-se parte ou integrante do sistema, somente assim irá surgir uma autêntica ‘obrigação moral’, que é a base propriamente dita da ‘moralidade social’ (STRAWSON, 1974, p. 39; RODRGUÈZ, 2002, p. 138).

A questão do ‘interesse’ do agente pelo sistema moral parece-me que fica melhor esclarecida relacionando-a a noção de ação moral. Visto que a ação moral é o resultado dos interesses, dos desejos, das crenças, das emoções e dos ideais individuais dos agentes. Assim, para que o agente reconheça uma exigência como uma obrigação moral, ele precisa sentir-se membro daquela comunidade e também ter interesse em seguir tais obrigações. Com base, no cumprimento ou não de tais obrigações morais é que avaliamos as ações dos agentes. Assim, a avaliação das ações está ligada as expectativas mútuas, que por sua vez, estão ligadas as obrigações morais, de modo que não se pode deixar de lado esses aspectos que constituem o que podemos chamar de agência moral.

Portanto, há uma estrutura básica na relação entre a ética e a moral, sendo que tais elementos estão conectados entre si, de modo que não se pode compreender um conceito moral sem relacioná-lo aos demais. Essa característica da abordagem de Strawson é bastante interessante, porque nota-se que ele segue o mesmo método de análise, que é conectivo, e que já estava presente na sua obra mais famosa “*Individuals*” (1959). Em outras palavras, como um metafísico descritivo o seu interesse é descrever a estrutura conceitual básica, para assim, elucidar tais conceitos.

Conclusão

A principal contribuição das emoções para o campo da moralidade está no papel que elas desempenham para a atribuição de responsabilidade moral. É através das atitudes reativas que condenamos ou aprovamos moralmente uma ação. As atitudes reativas são reações naturais que expressam o modo como nós vemos os demais indivíduos e como as suas ações nos interessam.

O fato de estarmos inseridos em uma comunidade moral faz com que tenhamos que conviver com pessoas que possuem interesses de vida que são distintos dos nossos ideais. No entanto, esperamos que esses indivíduos ajam com boa vontade e consideração para com os demais. Quando isso não ocorre é normal reagir com indignação ou ressentimento. Desse modo, sem as emoções não seríamos capazes nem mesmo de compreender e endossar genuinamente as obrigações morais, isso porque o agente precisa sentir-se parte da comunidade moral e é comum reagir às ações dos agentes quando estamos inseridos numa prática social.

Portanto, acredito que a grande contribuição que Strawson dá para as discussões morais refere-se à reinserção das emoções nas discussões sobre aprovação ou condenação moral. Não podemos esquecer a importância das relações interpessoais, e da maneira como reagimos à boa vontade ou a falta de consideração na forma de agir das pessoas. Strawson salienta que é muito fácil esquecer em filosofia, especialmente em nosso frio estilo contemporâneo, o que é atualmente estar envolvido em relações interpessoais comuns, desde as mais íntimas até as mais casuais.

Referências

BENNETT, J. Accountability (II). In: MCKENNA, M.; RUSSELL, P. **Free Will and Reactive attitudes**: Perspectives on P. F. Strawson’s “Freedom and Resentment”. USA: Ashgate, 2008.

FISCHER, J., M.; RAVIZZA, M. **Responsibility and Control**. New York: Cambridge University Press, 1998.

HUME, D. **Tratado da natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental nos assuntos morais. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

MCKENNA, M.; RUSSELL, P. **Free Will and Reactive attitudes**: Perspectives on P. F. Strawson's "Freedom and Resentment". USA: Ashgate, 2008.

RODRIGUÉZ, A. R. P. F. Strawson y D. Hume- una comparación a propósito de "Moralidad Social e Ideal Individual". In: **Ethic@**, Florianópolis, v.1, n.2, Dez. 2002, p. 133-154.

RUSSELL, P. **Freedom & Moral Sentiment**: Hume's Way of Naturalizing Responsibility. New York: Oxford, 1995.

SMITH, A. **The Theory of Moral Sentiments**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

STOCKER, M.; HEGEMAN, E. **O Valor das Emoções**. Traduzido por Cecília Prada. São Paulo: Palas Athena, 2002.

STRAWSON, P. F. **Análise e Metafísica**: uma introdução à filosofia. Tradução de Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

_____. **Analysis and Metaphysics**: an introduction to philosophy. London: Oxford University Press, 1992.

_____. **Ceticismo e Naturalismo**: algumas variedades. Tradução de Jaimir Conte. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008.

_____. **Freedom and Resentment**. Londres: Methuen & CO LTD, 1974.

_____. **Individuals**, An Essay in Descriptive Metaphysics. University Paperback. 1959.

_____. "Reply to David Pears". In: HAHN, L.E. (Ed.) **The Philosophy of P.F. Strawson**. USA: Open Court, 1998, p.259-262.

_____. Social Morality and Individual Ideal. In: **Freedom and Resentment**. Londres: Methuen & CO LTD, 1974, p. 26-44.

_____. **Skepticism and Naturalism: Some Varieties**. New York: Columbia University Press, 1985.

STURGEON, N.L. "Ethical Naturalism". In: COPP, D. **The Oxford Handbook of Ethical Theory**. Oxford: University Press, 2006, p. 91-121.

THORNTON, J. C. "Determinism and Moral Reactive Attitudes". In: **Ethics**, v. 79, n. 4, 1969, p. 283-297.

WALLACE, J. **Responsibility and the Moral Sentiments**. London: Harvard University Press: 1994.

Recebido em 20 de Junho de 2014.

Aceito em 30 de Junho de 2014.